

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira.

PORTUGUEZ VELHO

**Origem de varias locuções,
adagios e anexins.**

Nem uma nem duas

Tem a sua origem esta locução no conto, *As Orelhas do Abade*, que vem a p. 218 do vol. I dos *Contos Tradicionacs do Povo Portuguez*, do sr. Theophilo Braga.

(Continua)

FOLK-LORE AÇORIANO

I

*Cantigas populares recolhidas em
Ponte Delgada (Ilha de S.
Miguel)*

(Continuado de pag. 54 vol XII)

S'eu morrer has de me enterrar
Na parte qu'eu dissér,
E deixar-me os braços de fora
P'ra abraçar quem eu quizer.

Nem meu pae, nem minha mãe,
Nem duzentos confessores,
De me tirar do sentido
De fallar com os meus amores.

Armando da Silva.



FOLK-LORE PORTUGUEZ

Trovas alemtejanas

*Recolhidas no concelho d'Elvas
por*

A. THOMAZ PIRES

(Continuado da col. , vol 112. vol. XII)

1929

Laranjeira da fortuna
Que tanta laranja tem,
Por baixo ninguem as colhe
Lá cima não vae ninguem.

1930

Se minha avó não tivesse,
Uma mãe que me criou,
Nunca me eu veria agora,
Na miseria em que estou.

1931

Baibem saias, baibem saias,
Usem fitas, usem fitas,
Eu gosto de bairar as saias
Com quem as usa bonitas.

1932

Se o bem querer se pagasse.
Quanto me estavas devendo,
Com quanto tens me não pagas,
O bem que te eu estou querendo.

1933

Já lá vae minha valia,
Já lá vão valores meus,
Por a minha alma ser tua,
Voltei as costas a Deus.

1934

O pobre pede-o ao rico
Um becaquinho de pão;
O rico lhe respondeu;
Vae trabalhar mandrião.

1935

Tenho um vestido à Camões,
A' Camões tenho um vestido;
A' Camões hei-de ser tua
E' mesmo esse o meu sentido.

1936

Tenho uma caixa de prata,
Forrada de papelão;
Quem quizer cheirar que cheire
Arômas do coração.

1937

Eu vinha por aqui passando
Mas não vinha teacionado,
Ouvi-te estar cantando,
Accudi ao teu brado.

1938

Qualquer canta, qualquer baila,
Em chegando a occasião;
Qualquer vence uma batalha
Com armas do rei na mão.

1939

Qualquer canta, qualquer baila,
Ou bem ou mal acertado,
Qualquer vence uma batalha,
Com armas d'outro soldado.

1940

Qualquer ribeira é rio
Qualquer rio é mar;
Qualquer moça tem brio,
Se o sabe sustentar.

1941

O' minha prata lavrada,
O' meu oiro em pó,
Minha alma por ti se mata,
Meu coração de ti tem dó.

1942

Minha dama, minha dama,
Boquinha de sangue e leite,
Faz-me lá na tua cama,
Um lugar onde me deite.

1943

Bem pudera Deus dar pão
Na terra sem ser lavrada,
Bem podera, ainda o digo,
Dar muito a quem não tem nada.

1944

O' José, garfo de prata,
Com que eu como á meza;
Ainda que eu ame outro
Sò ati guardo firmeza.

1945

O' José se te pronderem,
Dá-te sim logo á prisão;
Inda tenho um anel d'ouro,
Para a tua livração.

1946

Esta noite bate o vento,
Fitinhas hão-de avoar;
Heide-me ir pôr á janella,
Alguem as ha-de apanhar.

1947

Trazeis o cabelo atado,
Pellas costas ao comprido;

N'esse nó que vós lhe daes,
Está o meu amor mettido.

1948

Já cortei o meu cabelo,
Já lá vae a minha gala,
A culpa teve-a eu,
Não deixar falar quem fala.

1949

Se as lagrimas tossem pedras
Que eu por ti tenho chorado,
Mandava fazer um fórtio
No meio do mar sagrado.

1950

Já o mar veste de luto,
Os campos de lyrios verdes,
Meu coração de tristeza
Do te não ver ha mezos.

1951

O' que ranchinho de moças,
O' que bella mocidade,
Tão formozas, tão gentis,
Que parecem da cidade.

1952

O' coração d'uma ingrata,
Fala ao teu anorzinho;
Que está na cama doente
Mizeravel, coitadinho.

1953

Menina da saia azul,
Com relógio á cintura;
Fuja da sombra dos homens
Que é sombra de má ventura.

1954

Anda cá linda, tão linda,
Anda cá bella, tão bella,
Tu é que és aquella ainda
Tu é que és ainda aquella.

1955

O' bella ribeira do Cêto,
Por cima o Forto da Graça,
Meu amor fala-me ageito,
Que o teu saber não me embaça.

1956

Encontrei o dár e toma
Na rua do toma lá,
Ainda não vi dar sem toma,
Nem toma sem deita cá.

1957

Já morreu minha mão,
Minha doce companhia
Caixinha dos meus sogrados
Espelho onde me eu via.

1958

O' amor, ó desamor,
O' engano, ó desengano,
Toda a prata tem valia
Mas nunca chega a soborano.

1959

Anda cá querido amor
Pardal da bócca amarella,
Mal o haja quem te não quebra
Um pau em cada costella.

1960

De correr venho cançado,
De cançado me assutei;
Tantos anjos me acompanhem,
Como passadas eu dei.

1961

Trago terra na alziadeira,
Água fechada na mão,
Para dispôr'ma rozeira,
Dentro do teu coração.

1962

Adeus ó monte do Lago,
Horta do Chaparrinho,
O meu amor está doente
Deus o põna melhorsinho.

1963

Já não tenho o meu amôr,
Já não tenho o meu bem querer,
Já não tenho quem me diga
Ao domingo venho-te ver.

1964

Maria dá-me o teu nome,
Que eu tambem quer'ser Maria,
As Marias são alegros,
Eu tambem quero alegria.

1965

O' rebeira d'Algali,
Casarões do Azambujal;
Cala-to tu que eu bom sei,
Não me faças mais falar.

1966

Abalei da minha terra,
Olhei para trás chorando;
Minha terra, minha terra,
Que longe me vae ficando.

1967

Minha bolla rapariga
Já lhe vou perdendo o geito;
Tenho fama de marôto,
Sendo eu tão bom sujeito.

1968

Tenho um lenço de sêda,
Que me custou meia libra;
O ladrão do meu rapáz
Já tem outra rapariga.

1969

Se és gallo levanta a crista,
Se és frangão larga a penuje;
Se és poeta no cantár,
Ata os sapatos e *fuge*.

1970

Eu sou ganhão em Revelhos,

Vou à missá ás Cidades
Trago sapatos e meias,
Por causa das caminhadas.

1971

Heide retratar o meu bem
Nas paredes do meu quarto;
Para sempre ter á vista.
Meu amor o teu retrato.

1972

Eu fui a uma caçada
A Santo Amaro de Corroia,
Vi uma lebre deitada
Dei-lhe com o pé levante-a.

1973

Anda d'ahi, vem bailar,
Anda vem-me a divertir,
Que te quero procurar,
O caminho que hei-de seguir.

1974

Dezaño, dezaño,
Eu não te dezañei,
Canteite uma cantiguinha
Mas logo me retirei.

1975

Vá de roda, vá de roda,
Vá de roda vá valido;
Que eu sou soldado d'Angola
Das moças seu combatido.

1976

Santa Eulalia, Santa Eulalia,
São Vicente, São Vicente;
Não olhes muito para mim
Que não me mettes o dente.

1977

Não deites agua no vinho
Que se turva na garrafa;
Eu tinha trez amigas,
A mais intima me foi falsa.

1978

O' pires amarello,
D'assueár, café e chá,
Deixas-te-me a mim por outra
Que voltas o mundo dá.

1979

Uma das minhas amigas
Me quer tirár o rapaz,
Ainda em cima dou uma libra
A'quella que for capaz.

1980

O meu amor deu-me um lenço
Feito em dois corações;
Ainda hoje me não esquecem,
Amor, as tuas razões.

1981

Villa Nova de Monforte
Tem muralhas ao desdem,
Já cahi na pouca sorte,

De falar não sei com quem.

1982

Tenho vinte e trez amores
Contigo são vinte e quatro;
A todos digo que sim,
Sò a ti è que eu não falto.

1983

Dava-te o meu coração,
Coiza que dar não podia,
Jà te dava a melhor prenda,
Que no meu peito trazia.

1984

Da minha alma fiz egreja
Do meu coração altár,
Do meu peito fiz columna
Meu amor p'ra te adorar.

1985

Adeus rua dos fagundes,
No meio tem um letreiro.
Onde vão os mô, os todos,
O meu amor è o primeiro.

1986

Hortelão da horta nova,
Regae o pé ao pepino,
Regae o pé ao meu amôr,
P'ra crescer que è pequenino.

1987

Fuí ao jardim das flores,
Escolhi uma paciência,
Nossa Senhora m'a deu,
Para soffrer a tua ausencia.

1988

Toda a vida me morri
Por criados de servir,
Agora já cá o tenho
Dos artistas me hei-de eu rir.

1989

Muita cinza, pouca chamma,
Faz a lenha de carvão;
Se vens cantar por fama
De mim não levas gavão.

1990

A flor da paciência
E' um cheira singular;
Arriaga, e mais Vicência,
Levam a vida a chorár.

1991

Quantas vezes ingrato,
Tu de mim te lembrarás,
Segue os teus varios intentos
Que tu te arrependerás.

1992

Siga adiante, siga adiante,
Siga adiante, sem parár.
Cantigas ó consoante,
São as melhores d'acertar.

1993

Lisbôa por ser Lisbôa,
Com ter's navios no mar,
Não ha terra como a minha
No reino de Portugal.

1994

O' meu amor determina,
Quando isso ha-de ser;
Que as vidas estão muito curtas,
Pôdo algum de nós morrer.

1995

Mandaste-me de lá dizer,
D'essa terra aonde estaes,
Se te eu já lembro tanto,
Como vós me cá lembracs.

1996

Nunca eu fóra a Coimbra,
Nem passára por Santa Anna,
Uma menina me disse;
Muito padece quem ama!

1997

O' nogueira, ó nogueirinha,
Cae-te a folha, fica a nóz;
Se me chamares doidinha,
Não endoideço por vós.

1998

Deixa tu andar o mundo,
Que elle voltas ha-de dár;
Ainda se ha-de arrepender,
Não lhe hade valer chorar.

1999

Vae-te somno, vae-te somno,
Deixa dormir a criada;
Nem a vestes, nem a calças,
Nem lhe pagas a soldada,

(Continda)



Philosophia popular

Amor de menino, agua em ces-
tinho.

A fortuna è como o vidro; tanto
brilha como quebra.

Onde ouro falla, tudo cala.

O que te disser o espelho, não
te dirão em conselho.

—Mãe, que cousa è casar?—Fi-
lha: è trabalhar, criar, soffrer e cho-
rar.

Um homem necessitado sempre
anda apedrejado.

O echo às vezes dá um bom con-
selho.